

A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO AMBIENTAL

Hélder Spínola

CIE-UMa – Universidade da Madeira, hspinola@uma.pt.

Resumo

Quando Paulo Freire escreveu e publicou a ‘Pedagogia do Oprimido’, a humanidade ainda mal despertava para o processo de consciencialização sobre uma nova forma de opressão: a opressão ambiental. Hoje, meio século depois, este tipo de opressão tornou-se global, fazendo de todos nós ‘esfarrapados do mundo’ e, em simultâneo, opressores e oprimidos de um mundo cada vez mais esfarrapado. A opressão ambiental instalou-se sobre o mundo e sobre a humanidade traduzindo-se numa crise ecológica que clama, também ela, por uma pedagogia da libertação.

Apesar do empenho da educação ambiental e da profunda fé em tecnologias salvadoras, a época histórica em que vivemos é marcada pelo constante agravar da crise ecológica, evidenciando o insucesso da atual abordagem para libertar a humanidade, e o mundo, da opressão ambiental. Deixemo-nos iluminar pela pedagogia e filosofia freiriana e procuremos a morada dos opressores e dos oprimidos ambientais, vejamos se a educação bancária e prescritora se alojou na educação ambiental, que se exigia revolucionária, e se se fez messiânica e em mera propaganda.

Palavras-chave: Educação ambiental, Crise ecológica, Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire.

THE PEDAGOGY OF THE ENVIRONMENTAL OPPRESSED

Abstract

When Paulo Freire wrote and published the ‘Pedagogy of the Oppressed’, humanity was still barely awake to the process of raising awareness about a new form of oppression: environmental oppression. Today, half a century later, this type of oppression has become global, making all of us ‘ragged of the world’ and, at the same time, oppressors and oppressed of an increasingly ragged world. Environmental oppression has taken over the world and humanity, translating into an ecological crisis that also calls for a pedagogy of liberation.

Despite the commitment of environmental education and a deep faith in saving technologies, the historical time in which we live is marked by the constant worsening of the ecological crisis, showing the failure of the current approach to liberate humanity, and the world, from environmental oppression. Let us be enlightened by Freire's pedagogy and philosophy and look for the abode of the environmental oppressors and oppressed, let us see if "banking" and "prescribing" education lodged itself in environmental education, which should be revolutionary, and became messianic and in mere propaganda.

Keywords: Environmental education, Ecological crisis, Pedagogy of the Oppressed, Paulo Freire.

1. Introdução

Em 1968, Paulo Freire (1921- 1997), conhecido e reconhecido filósofo e pedagogo, concluiu a escrita do livro 'A Pedagogia do Oprimido' em circunstâncias de entorno pessoal, social e político que ficaram profundamente marcadas na sua vida e obra (Freire, 1987; Gadotti, 1996). O exílio a que esteve sujeito pela Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) prolongou-se por 16 anos (1964-1980) e não pode deixar de ser visto como contexto determinante da evolução do seu pensamento. A opressão a que Paulo Freire dedica a sua pedagogia é sentida na própria pele, não é apenas vista pelos seus olhos. Esse facto poderia ter resultado num pensamento com leitura fechada à circunstância específica que o inspirou, perdendo sentido em diferentes épocas históricas, em outras latitudes geográficas ou em circunstâncias dissemelhantes. No entanto, ao contrário do que seria de esperar, Paulo Freire constrói a sua obra com tal amplitude e profundidade que, hoje, mais de meio século depois, é inegável o seu carácter intemporal. Embora muitas das realidades que o inspiraram se mantenham, há, atualmente, outras que, à altura, ainda não haviam despontado na consciência humana. Efetivamente, hoje, tomamos consciência de novas formas de opressão. Formas de opressão de tal forma disseminadas e culturalmente absorvidas que se torna difícil erguer trincheiras entre o opressor e o oprimido. Com o consumir da globalização, o mundo a preto e branco transformou-se todo ele em tons de cinza e, tal como postulado por Paulo Freire, o opressor instalou-se definitivamente dentro do oprimido.

Desde que Paulo Freire escreveu o livro 'A Pedagogia do Oprimido' (Freire, 1968) o mundo mudou muito. No fim da década de 60 do século XX a humanidade era constituída por cerca de 3,5 mil milhões de pessoas, hoje somos mais do dobro, quase 8 mil milhões (United Nations, 2019). Os consumos energéticos mais do que triplicaram e o número de veículos automóveis em circulação é hoje sete vezes maior, não sendo tudo isto alheio ao facto das emissões de dióxido de carbono, um dos principais gases com efeito de estufa, terem, entretanto, quadruplicado.

Há 50 anos a humanidade não consumia mais recursos nem gerava mais poluição para além da medida que o Planeta conseguia suportar. Atualmente, chegamos ao ponto de a data em que consumimos mais recursos do que aqueles que o Planeta consegue produzir até ao fim do ano ser já antes do início do mês de agosto (Earth Overshoot Day, 2019). Segundo a Organização Mundial de Saúde, no mundo, hoje, nove em cada dez pessoas respira ar de má qualidade, morrendo, todos os anos, mais de 7 milhões de pessoas devido à poluição do ar (WHO, s.d.). As emissões poluentes resultantes da queima de combustíveis fósseis reduzem em mais de um ano a esperança média de vida, subtraindo anualmente à humanidade mais de 230 milhões de anos (Lelieveld *et al.*, 2020). Cerca de um milhão de espécies estão ameaçadas e a taxa de extinção está a acelerar a um ritmo nunca antes registado na história da humanidade (United Nations, 2019). Em média, por ano, desde 2014, uma área correspondente ao tamanho do Reino Unido tem sido desflorestada e o ritmo de destruição das florestas tropicais primitivas aumentou em 44% (NYDF Assessment Partners, 2019). A produção e dispersão de plástico é de tal forma elevada que já está presente sob a forma de microplásticos na comida que comemos, na água que bebemos e no ar que respiramos, podendo representar a ingestão de duzentas e oitenta micropartículas de plástico por dia, o equivalente a um cartão de crédito por semana (Dalberg Advisors, 2019). Como corolário destes e de muitos outros desequilíbrios ambientais exacerbados no último meio século, surgem as alterações climáticas, problema que não foi atempadamente e devidamente considerado pela comunidade internacional, confrontando hoje a humanidade com uma crise ecológica grave e global.

1.1 A educação ambiental

Depois da primeira edição de ‘A Pedagogia do Oprimido’, e sem estabelecer, necessariamente, qualquer relação com a obra de Paulo Freire, foi erigida, à medida que os desequilíbrios ambientais se acentuavam, toda uma nova abordagem pedagógica reunida na educação ambiental e focada na construção de uma sociedade mais sustentável. Efetivamente, em 1972, na Conferência das Nações Unidas para o Ambiente Humano, que decorreu em Estocolmo, a educação foi entendida como a principal forma de encontrar soluções para os problemas ambientais. Nessa mesma década, os objetivos da educação ambiental foram claramente definidos. Em 1975, no decorrer de um encontro promovido pela UNESCO, foi adotada a Carta de Belgrado na qual ficou estabelecida a finalidade da educação ambiental: Formar uma população mundial consciente e preocupada com o ambiente e com os seus problemas, uma população que tenha os conhecimentos, as competências, o estado de espírito, as motivações e o sentido de compromisso que lhe permitam trabalhar individual e coletivamente na resolução das dificuldades atuais, e impedir que elas se apresentem de novo. Pouco tempo depois, em 1977, em Tbilisi, a conferência intergovernamental sobre educação ambiental, organizada pela UNESCO, definiu

a sua estrutura, princípios e linhas de orientação, deixando claro que é seu objetivo promover a literacia ambiental nos cidadãos de modo a que desenvolvam práticas respeitadoras do ambiente (UNESCO, 1980; Hungerford & Peyton, 1976). Assim, o desenvolvimento de uma cidadania ambientalmente literada constituiu-se no propósito maior da educação ambiental, sendo a literacia ambiental um requisito indispensável para que a sociedade mantenha e melhore a qualidade ambiental (Disinger & Roth, 1992). No entanto, 5 décadas depois do lançamento dos alicerces da educação ambiental, a sociedade não se transformou, pelo menos para melhor, nem é mais sustentável, sendo legítimo questionar se as suas práticas pedagógicas, o contexto em que se desenvolve, ou mesmo os seus objetivos, são adequados dada a urgência em atenuar a grave crise ecológica em que vivemos (Blumstein & Saylan, 2007; Spínola, 2014). Assim, interessa insistir na procura de novos enquadramentos e práticas pedagógicas, sendo a obra de Paulo Freire uma oportunidade para desenlear a trama em que a educação ambiental ter-se-á deixado enredar.

2. A opressão ambiental à luz de Paulo Freire

Compreender a crise ecológica em que vivemos e acreditar na capacidade humana para superar os desafios que se colocam implica aceitar a visão de Paulo Freire e entender o Homem (a humanidade) como seres inconclusos, conscientes dessa inconclusão, e constantemente desafiados pela encruzilhada que separa a humanização da desumanização. Implica perceber que, embora perante estas duas possibilidades, a vocação dos homens passa pela humanização e essa humanização é contrária à alimentação da crise ecológica em que mergulhamos o Planeta e, nele, a própria humanidade. A humanização dos Homens (da humanidade) exige cumprir a vocação do “ser mais” e a sua “vocação histórica” (Freire, 1987. p. 43), vocações essas que negam qualquer forma de opressão e, naturalmente, também a opressão ambiental.

Quando Freire apresenta a dualidade entre opressores e oprimidos (Freire, 1987. p. 16), começa por nos expor uma realidade em que cada um se corporiza em pessoas físicas diferentes, negando aos primeiros o papel de libertação, nem deles próprios nem das suas vítimas. Cabe ao oprimido, o único que sente verdadeiramente a necessidade de liberdade, o desafio de se humanizar a si e aos outros, inclusive aos próprios opressores. No contexto da opressão ambiental, embora haja quem seja mais opressor do que oprimido, e outros mais oprimidos do que opressores, evidenciando, também aqui, as injustiças e as desigualdades do mundo dos Homens (da humanidade), para a maior parte da humanidade, que hoje vive em sociedades ocidentalizadas e sob o domínio da cultura do consumo, do antropocentrismo e do domínio sobre a Natureza, em cada Homem vive, em simultâneo, um opressor e um oprimido, embora se possa questionar se o opressor que há em nós é apenas uma hospedagem ou se o é de forma genuína. Também Paulo Freire, na obra que aqui interpretamos, desvela o quanto o próprio opressor pode estar hos-

pedado no oprimido, não apenas de forma física, mas na estrutura do seu pensar e no seu ideal de ser Homem (humano) (Freire, 1987, p. 17). Quando se fala de opressão ambiental, esta hospedagem é fortemente física, a mesma pessoa é um opressor e um oprimido a cada exato momento, vivendo numa luta de contradições no seu pensar, no seu ideal de ser Homem (humano), na sua ação. Assim, nesta condição de seres inconclusos e contraditórios, o Homem (a humanidade) que procura libertar-se da crise ecológica é o mesmo que todos os dias a alimenta, oprimindo-se e, como tal, constituindo-se, em simultâneo, em opressor e oprimido. A humanidade que faz circular mais de 1400 milhões de veículos poluentes (Chesterton, 2018) é a mesma que perde, anualmente, 7 milhões de vidas devido à má qualidade do ar (WHO, s.d.). A mesma pessoa que traz do supermercado um carrinho cheio de compras fortemente embrulhadas em embalagens de plástico é a mesma que, todas as semanas, ingere o equivalente a um cartão de crédito em microplásticos (Dalberg Advisors, 2019). Opressor e oprimido na mesma pessoa, na mesma comunidade, na mesma humanidade. Nesta contradição que somos, que cada um de nós é, opressor e oprimido, a libertação do oprimido que há em nós, não para nos tornarmos apenas opressores, mas para nos tornarmos totalmente humanos e consumir a vocação de ser mais, exige também uma luta de libertação e de “recuperação da humanidade roubada” (Freire, 1987, p. 48), luta que, à partida, se travaria no campo da educação ambiental, ou melhor, com as armas da educação ambiental.

Mas a origem da opressão ambiental não reside fisicamente no indivíduo, mesmo que seja o indivíduo o executor dessa opressão, tal como é também a sua vítima. A origem da opressão ambiental está alojada no complexo sistema de códigos e padrões que partilhamos em sociedade e que se traduz nas normas, crenças, valores, criações e instituições que fazem parte das nossas vidas. Ou seja, a verdadeira residência da opressão ambiental está na nossa cultura, uma cultura de consumo, antropocêntrica, de oposição à natureza, e a luta para nos libertarmos dessa opressão não terá o sucesso necessário apenas com esforços intestinais (desculpem a expressão) de cada indivíduo. Libertarmo-nos da crise ecológica requer transformação cultural, uma “ação cultural para a libertação” (Freire, 1981, p. 35), e o desenvolvimento de uma cultura ambiental. Este é o desafio da educação ambiental, mais do que despertar o indivíduo para a ação, despertar toda uma sociedade/comunidade e transformar a própria cultura, até porque, nas palavras de Paulo Freire, “ninguém se salva sozinho” (Freire, 1987, p. 82).

3. A falsa generosidade do opressor ambiental

Com o agravar da opressão ambiental, apercebemo-nos de alguns perigos para os quais Paulo Freire nos alerta, sendo o exemplo mais marcante a “falsa generosidade” (Freire, 1987, p. 17). Também em torno da opressão ambiental surge, pela mão daqueles que mais oprimem, esta tendência para afagar o oprimido e, dessa forma, mantê-lo como tal, atenuando a vontade de libertação. Freire, evidenciando

que a única via aceitável e possível para a libertação é a que parte do ensinamento e aprendizagem a partir dos, e pelos próprios, “condenados da Terra” (Freire, 1987, p. 17), fala-nos de uma generosidade desesperada e falsa que vive da própria opressão. Vejamos um exemplo concreto dos nossos dias, uma marca de combustíveis fósseis que opera em Portugal lançou uma campanha de neutralidade carbónica dizendo aos seus clientes: vá de bicicleta, mas se não puder vá connosco e saiba que as suas emissões estão a ser compensadas (Vá de bicicleta, 2020). Ou seja, mantém o modelo de opressão (consumo de combustíveis fósseis e uso do automóvel), mas associa-o a uma imagem de libertação (o uso de bicicleta), e disponibiliza ao eu opressor a oportunidade de aliviar a sua consciência e afagar o eu oprimido, oferecendo uma esmola na forma da compensação das emissões poluentes. Por outro lado, recentemente, a Comissão Europeia concluiu, depois de analisar as páginas da Internet de empresas de vários setores, que em 42% dos casos as medidas ecológicas das empresas são falsas. Em 37% dos casos, as afirmações eram vagas e genéricas, como “consciente”, “amigo do ambiente” e “sustentável”, apenas com o objetivo de “transmitir aos consumidores a impressão não comprovada de que um produto não tinha impacto negativo no ambiente”. Em 59% dos casos, a empresa não forneceu provas facilmente acessíveis para apoiar as alegações. Estas práticas são denominadas de *greenwashing* ou *ecobranqueamento* (Afonso, 2021).

A falsa generosidade do opressor não se manifesta apenas no contexto da atividade das organizações, também está presente em cada um de nós, na dualidade simultânea de sermos opressores e oprimidos. Por exemplo: quando optamos por comprar água engarrafada em vez de beber água da torneira, mas temos o cuidado de separar a garrafa de plástico para reciclagem; quando nos deslocamos de automóvel em vez de ir a pé ou de transportes coletivos, mas procuramos fazer uma condução ecológica ou utilizamos um carro elétrico; quando imprimimos tudo e mais alguma coisa e não utilizamos o papel para rascunho nem o colocamos para reciclagem, mas dedicamos umas horas por ano a plantar árvores num programa de voluntariado; quando temos o hábito de deixar as luzes permanentemente acesas, mas instalamos lâmpadas de baixo consumo; quando escolhemos produtos alimentares provenientes de origens distantes, mas temos o cuidado de escolher produtos biológicos; quando consumimos mais carne num único dia do que os nossos avós durante todo ano, mas escolhemos raças autóctones de produção extensiva; não estaremos também a praticar, de certa forma, uma certa caridadezinha em relação à causa ambiental? Não será uma forma de afagar a nossa consciência, o eu oprimido, para mantê-lo debaixo do jugo da opressão e legitimar a manutenção da cultura que invadiu o nosso estilo de vida? É certo que esta falsa generosidade é melhor do que generosidade nenhuma, mas, como diz Paulo Freire, não deixa de ser falsa porque mesmo que atenua a opressão, não deixa de a manter, legitimando a sua existência e a manutenção dos oprimidos (Freire, 1987).

4. A aderência entre oprimido e opressor ambiental

Além do medo da liberdade (que não vou aqui aprofundar, mas que não é uma questão menor), Paulo Freire também nos fala da “aderência” (Freire, 1987, p.18) do oprimido ao opressor, aspecto que é apresentado como uma barreira a ultrapassar na luta pela libertação, pois pode levar o oprimido a não desejar a libertação, mas sim a identificar-se com o seu contrário (o opressor). No contexto da opressão ambiental, o oprimido ambiental, numa situação de “aderência” ao opressor ambiental, poderia procurar superar a situação tornando-se também opressor, ou apenas opressor. Nessa situação, procurariam libertar-se do eu oprimido para serem apenas o eu opressor, deixando para outros, pessoas e o próprio Planeta, as consequências da opressão. Poderá ser este o caso quando, ao nível individual, procuramos um local menos poluído para viver, mas nada fazemos para deixar de ser causadores de poluição; quando pagamos para ter acesso a uma zona balnear com água de qualidade, mas não deixamos de contribuir com os nossos esgotos para poluir as praias de acesso livre; quando bebemos água engarrafada por desconfiar da qualidade da torneira, mas continuamos a contribuir para degradar as bacias hidrográficas e a zonas de captação; quando reforçamos os equipamentos de ar condicionado para nos protegermos das vagas de calor, mas nada fazemos para combater as emissões de gases com efeito de estufa e prevenir as alterações climáticas; quando nos mudamos para zonas mais seguras, mas continuamos a por em risco a floresta com os incêndios que provocamos com os nossos atos negligentes. Mas o perigo de “aderência” do oprimido ao opressor não se manifesta apenas em termos individuais, também, e mais grave, de forma coletiva. Por exemplo, quando deslocalizamos as indústrias poluentes para países do sudoeste asiáticos ou exportamos os resíduos tóxicos para países africanos, quisemos nos libertar dessa opressão ambiental deixando de ser oprimidos para ser apenas opressores. A aderência do oprimido ao opressor leva a que o esforço de libertação não cumpra a vocação de “ser mais”, a nossa vocação história de humanização, sendo um caminho de sentido contrário, de mais opressão sobre os desprotegidos, sobre os “condenados da Terra”, sobre a própria Terra, um caminho de desumanização.

5. O boicote à educação ambiental

Tal como Paulo Freire refere, há toda uma estratégia, consciente e inconsciente, de divisão e manipulação para alcançar e manter a dominação/conquista dos oprimidos, sejam eles as pessoas, as sociedades ou o próprio Planeta (Freire, 1987). A par da manipulação através, por exemplo, do ecobranqueamento, há também o boicote e a guerra contra as lideranças revolucionárias, sejam elas pessoas, como a jovem ativista Greta Thunberg, ou, simplesmente, uma marca de bicicletas, a produção de alimentos pelo modo biológico ou o desenvolvimento das energias renováveis. Não vou focar as campanhas de difamação e descrédito que têm sido

lançadas contra a ativista sueca, apenas as menciono, mas apresento-vos aqui o caso recente (2020) de proibição, em França, de uma publicidade de uma marca holandesa de bicicletas elétricas. A entidade que regula o sector publicitário em França recusou um anúncio de bicicletas que foca os impactos negativos do uso dos carros, alegando que o anúncio lança uma imagem de descrédito sobre o sector automóvel, além de criar um clima de ansiedade... (Coentrão, 2020).

A própria educação ambiental, entendida como luta contra a opressão ambiental, revolucionária, tem de estar consciente da manipulação e do boicote a que pode estar sujeita, nomeadamente com o engodo da caridadezinha ambiental ou com práticas educativas prescritoras, para não ser mais do que um instrumento que mantém e legitima a cultura de opressão, ambiental ou outras. Também não pode correr o risco, para o qual nos alerta Paulo Freire, de se constituir numa luta revolucionária imposta aos povos, tem de ser feita em comunhão. Paulo Freire aponta a ação educativa antidialógica, prescritora, bancária, como mecanismo de manutenção do contexto de opressão, e identifica a estratégia que essa ação educativa utiliza no consumir desse seu propósito: uma estratégia de divisão, manipulação e invasão cultural. Até que ponto a educação ambiental, em particular as suas práticas pedagógicas, estão colonizadas pela ação educativa antidialógica, prescritora e bancária? Para minimizar este risco, que me parece ser em grande medida uma realidade, é fundamental estar sempre em alerta, até porque em cada educador também vive um opressor ambiental, cada educador também está invadido culturalmente. Defendermo-nos da ação educativa antidialógica, opressora, obriga-nos a uma atenção permanente, a um questionar permanente. Implica saber identificar a presença da estratégia da ação educativa antidialógica e mantê-la fora das práticas pedagógicas da educação ambiental.

6. Risco de uma invasão cultural ambiental

Uma vez que a educação ambiental deve promover uma nova cultura — a cultura ambiental — é importante escrutinar se ela própria não se constituiu num mecanismo de “invasão cultural” (Freire, 1987, p. 86), pretendendo forçar a existência dessa mesma cultura ambiental. A invasão cultural, alienante, apresenta-se como uma forma de conquista e dominação, impondo uma visão do mundo e inibindo a criatividade dos povos. Neste processo de invasão cultural, os invasores/opressores modelam e os invadidos/oprimidos são modelados, sendo esta invasão cultural tanto um fim (a própria dominação) como um meio (uma tática) para atingir esse mesmo fim, ou seja, a dominação. Assim, quando dizemos que o desafio da educação ambiental será o de transformar culturalmente a sociedade, no sentido de uma cultura ambiental, esse caminho não poderá ser, sob pena de se constituir em mais um instrumento de dominação/opressão, o caminho de uma outra invasão cultural. A educação ambiental deverá ser baseada na educação dialógica de Paulo Freire, de colaboração em vez de conquista, de união em vez de divisão, de organização

em vez de manipulação e de “síntese cultural” (Freire, 1987, p. 96) em vez de invasão cultural. Não pode ser, portanto, um mero instrumento de conquista, tem de ser, antes, um processo de colaboração, de encontro, para a transformação do mundo. A educação ambiental, através das suas práticas, deve problematizar a opressão ambiental entre os oprimidos ambientais, mas também entre os opressores, para que tomem consciência dessa sua condição, e, dessa forma, queiram libertar-se. A educação ambiental não deve, nem mesmo, através dela, o líder ambiental ou educador, não obstante a sua importância, comandar messianicamente os povos para a sua libertação. Essa abordagem, mesmo que por uma boa causa, seria a repetição do messianismo salvador das atuais “elites dominadoras”/opressoras (Freire, 1987, p. 83), que também, tal qual as elites/“lideranças revolucionárias” (Freire, 1987, p. 48), se julgam eticamente legitimadas para impor a sua salvação. Na teoria da ação dialógica de Paulo Freire não há lugar para a conquista das massas aos ideais revolucionários (sejam eles ambientais ou outros), apenas para a sua “adesão” (Freire, 1987, p. 97). Como refere Paulo Freire, uma adesão conquistada não é adesão, é apenas “aderência do conquistado ao conquistador através da prescrição deste àquele” (Freire, 1987, p. 97).

Assim, quando a educação ambiental se compromete com a libertação do oprimido e do opressor ambiental, e procura que ele próprio encontre a sua verdadeira cultura, é legítimo questionar se essa cultura será a inicialmente idealizada, se será a cultura ambiental. Se vivemos, e vivemos, em opressão ambiental, e nos queremos libertar dela, se essa opressão ambiental é fruto de uma invasão cultural que nos foi sendo imposta ao longo de milhares de anos, se essa libertação implica reencontrar a nossa verdadeira cultura, uma cultura que desejamos, uma cultura que cumpre a vocação de ser mais, que cumpre a vocação histórica do Homem (da humanidade) em ser humanizado, que recusa a opressão, seja do próprio Homem (da humanidade) seja do Planeta, então é possível uma “adesão verdadeira” com “coincidência livre de opções” (Freire, 1987, p. 97) em torno da cultura ambiental ou, dando-lhe outro qualquer nome, uma cultura que, idealmente, acabe com a opressão ambiental.

7. A pedagogia da libertação da opressão ambiental

À luz do pensamento de Paulo Freire, qualquer pedagogia do oprimido, qualquer pedagogia da libertação, neste caso da opressão ambiental, requer uma ação dialógica, problematizadora, crítica, não podendo essa ação revolucionária (aqui entendida como a educação ambiental) prescindir da “comunhão com as massas populares” (Freire, 1987, p. 98), com o cidadão comum. Essa comunhão levará à colaboração, e a colaboração à união para a libertação. Se vivemos imersos numa cultura que nos invadiu, se somos todos oprimidos e opressores ambientais, mesmo que em graus diferentes, então esta comunhão/colaboração/união deve ser feita,

idealmente, com todos. A libertação do oprimido não se consegue sem a libertação do opressor, porque a existência de um implica a existência do outro. Para existir um oprimido tem de existir um opressor e para existir um opressor tem de existir um oprimido, mesmo que um e outro sejam a mesma pessoa, a mesma comunidade, a mesma humanidade. Assim, a educação ambiental deve ser de todos e para todos, não excluir nem ser exclusiva, e, como tal, não se percebe que continue, hoje, infantilizada e prisioneira da escola. A educação ambiental tem de vir para a rua, tem de se passear connosco, trabalhar ao nosso lado, tem de entrar nas nossas casas, sentar-se à nossa mesa, brincar com os nossos filhos e ouvir as histórias dos nossos avós. A educação ambiental tem de viver connosco. Não podemos ser ingênuos e fingir que uma educação ambiental amestrada por um sistema educativo prescritor e bancário será capaz de criar condições na consciência humana, individual e coletiva, para que sejamos capazes de contruir uma cultura ambiental que nos permita uma reconciliação com a vida, humana e não humana.

8. Conclusão

Tal como Paulo Freire apresenta na pedagogia do oprimido e da libertação, a educação ambiental, aquela que procura transformar culturalmente a humanidade, só pode ser entendida como um ato revolucionário, e talvez por isso essa educação ambiental, aquela que verdadeiramente procura a transformação cultural, tenda a estar relegada para a clandestinidade. A educação ambiental que transforma é, necessariamente, uma ameaça à cultura que nos invadiu, uma cultura antropocêntrica, consumista e de domínio sobre a natureza, e como tal pode ser motivo de receio por parte das forças sociais, políticas e económicas que não desejam a mudança, que, mesmo agora em plena pandemia, o que mais querem é, simplesmente, voltar à situação anterior (dita normal). A educação ambiental, iluminada pela pedagogia do oprimido de Paulo Freire, tem de se libertar da opressão a que também está sujeita, pois, só assim, poderá ser, ela própria, uma ação cultural ao serviço da libertação da opressão ambiental que esmaga a humanidade e o próprio Planeta.

Referências bibliográficas

Afonso, S. (2021, 29 de janeiro). Quase metade das medidas ecológicas das empresas são falsas. Acedido a 9 de maio de 2021 em Rádio Renascença: <https://rr.sapo.pt/2021/01/29/economia/quase-metade-das-medidas-ecologicas-das-empresas-sao-falsas/noticia/224618/>

Chesterton, A. (2018, 6 de agosto). How many cars are there in the world? Acedido a 6 de janeiro de 2021 em Carsguide:

<https://www.carsguide.com.au/car-advice/how-many-cars-are-there-in-the-world-70629>

Blumstein, D. T. and Saylan C. (2007) The Failure of Environmental Education (and How We Can Fix It). *PLoS Biol* 5(5): e120. <https://doi.org/10.1371/journal.pbio.0050120>.

Coentrão, A. (2020, 2 de julho). Este anúncio a bicicletas não vai dar a volta a França. Acedido a 15 de abril em Jornal Público: <https://www.publico.pt/2020/07/02/p3/noticia/publicidade-anuncio-bicicletas-nao-fara-volta-franca-1922571>

Dalberg Advisors. (2019). No Plastic in Nature: Assessing plastic ingestion from nature to people. WWF. Gland, Switzerland. Acedido a 15 de março de 2020 em https://d2ouvy59podg6k.cloudfront.net/downloads/plastic_ingestion_web_spreads.pdf

Disinger, J. F. and Roth, C.E. (1992). Environmental Education research news. *The Environmentalist*, 12: 165-168.

Earth Overshoot Day. (2019, 26 junho). Earth Overshoot Day 2019 is July 29, the earliest ever. Acedido a 25 de março de 2020 em Earth Overshoot Day: <https://www.overshootday.org/newsroom/press-release-june-2019-english/>

Freire, P. (1968). *Pedagogia do oprimido*. Fac simile digitalizado (Manuscritos). São Paulo: Instituto Paulo Freire.

Freire, P. (1981). *Ação cultural para a liberdade*. 5.^a ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro. Pp 120. Acedido a 7 de maio de 2021 em Portal Dia a Dia Educação: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/acao_cultural_liberdade.pdf

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Edição Paz e Terra. 17.^a edição. Rio de Janeiro. Pp 107. Acedido a 30 de novembro de 2020 em <https://docs.google.com/a/fcarp.edu.br/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZmNhcnAuZWRtLmJyG51cGVkaXx-neDpmMzFhOWMoYzA3YTg2OWE>

Gadotti, M. (Org.). (1996). *Paulo Freire: Uma biobibliografia*. Cortez Editora e Instituto Paulo Freire. São Paulo. pp 765. Acedido a 5 de janeiro em Acervo Educador Paulo Freire: http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3078/1/FPF_PTPF_12_069.pdf

Hungerford, H.R. and Peyton, R.B. (1976). *Teaching environmental education*. Portland, ME: J. Weston Walch.

Lelieveld, J., Pozzer, A., Pöschl, U., Fnais, M., Haines, A., Münzel, T. (2020). Loss of life expectancy from air pollution compared to other risk factors: a worldwide perspective. *Cardiovascular Research*. Acedido a 28 de março de 2020 em <https://doi.org/10.1093/cvr/cvaa025>

NYDF Assessment Partners. (2019). *Protecting and Restoring Forests: A Story of Large Commitments yet Limited Progress*. New York Declaration on Forests Five-Year Assessment Report. Climate Focus (coordinator and editor). Acedido a 24 de março de 2020 em <https://forestdeclaration.org/images/uploads/resource/2019NYDFReport.pdf>

Spínola, H. (2014). Forty years of environmental education in the Portuguese democracy. *The Online Journal of New Horizons in Education*, 4 (3), 48-56.

UNESCO (1980). *Environmental education in the light of Tbilisi conference*. Paris, France: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2019). *World Population Prospects 2019: Highlights*. ST/ESA/SER.A/423. Acedido a 13 de janeiro de 2021 em https://population.un.org/wpp/Publications/Files/WPP2019_Highlights.pdf

United Nations. (2019, 6 de maio). UN Report: Nature's Dangerous Decline 'Unprecedented'; Species Extinction Rates 'Accelerating'. Acedido a 23 de março de 2020 em <https://www.un.org/sustainabledevelopment/blog/2019/05/nature-decline-unprecedented-report/>

Vá de bicicleta. Se não puder, vá com BP e saiba que as suas emissões estão a ser compensadas. (2020, 27 de julho). Acedido a 9 de maio de 2021 na Revista Visão: <https://visao.sapo.pt/conteudopatrocinado/2020-07-27-va-de-bicicleta-se-nao-puder-va-com-bp-e-saiba-que-as-suas-emissoes-estao-a-ser-compensadas/>

WHO. (s.d.). Air pollution. Acedido a 12 de março de 2020 em World Health Organization: https://www.who.int/health-topics/air-pollution#tab=tab_1